

TRILHANDO A SERRA da JIBOIA

Venha desvendar sua importância e seus mistérios





TRILHANDO A SERRA da JIBOIA

Venha desvendar sua importância e seus mistérios

Organizadoras

Isabelle Aparecida Dellela Blengini

Juliana de Melo Leonel Ferreira

Maria Alice Martins de Uihôa Cintra (Lilite)

Salvador, BA

Gambá

2015

Grupo Ambientalista da Bahia (Gambá)

Sede: Avenida Juracy Magalhães Jr, nº 768, Edf.RV Center, s/102. Rio Vermelho - Salvador, BA
CEP 41.940-060; Telefax: 71 3240 6822 e.mail: ascom@gamba.org.br | site: www.gamba.org.br

Organizadoras do “Trilhando a Serra da Jiboia – venha desvendar sua importância e seus mistérios”

Isabelle Aparecida Dellela Blengini - Bióloga, Coordenação do Projeto Serra da Jiboia (Gambá)
Juliana de Melo Leonel Ferreira - Jornalista, Assessoria de Comunicação (Gambá)
Maria Alice Martins de Ulhôa Cintra (Lilite) - Psicóloga, Conselho Diretor (Gambá)

Apoio Gambá

Breno de Souza Pessoa – Mobilização Social
Cintia Regina de Jesus Hipólito – Assessoria Administrativa
Renato Pêgas Paes da Cunha – Coordenação Executiva

Projeto Gráfico e Diagramação: Carol Nóbrega

Ilustração: Thaís Bandeira

Revisão de texto: Laís Barros Martins

Conselho Editorial: Arivalter Vidal Sales – Pastor da Igreja Batista Vida Plena, Elísio Medrado

Balbino Azevedo – Professor de Artes, Castro Alves
Eraldo Medeiros Costa Neto – Professor da Uefs, Feira de Santana
Erivaldo Nogueira de Oliveira – Secretário de Cultura, Santa Teresinha
Israel de Jesus Sampaio Filho – Estagiário da UFRB, Cruz das Almas

1º Edição 2015 - 2.000 exemplares

Esta publicação foi financiada pelo TFCA – *Tropical Forest Conservation Act*, através do Funbio – Fundo Brasileiro para a Biodiversidade.
É permitida a reprodução, no todo ou em partes, desde que a fonte seja devidamente mencionada.

Trilhando a Serra da Jiboia - venha desvendar sua importância e seus mistérios / organizadoras Isabelle Aparecida Dellela Blengini, Juliana de Melo Leonel Ferreira, Maria Alice Martins de Ulhôa Cintra (Lilite). – Salvador, BA : Gambá, 2015.
36 p. : il. ; 21,0 cm x 27,0 cm.

Inclui encarte de um mapa.

Título do encarte: Proposta de unidade de conservação da Serra da Jiboia.

1. Serra da Jiboia, BA. 2. Santa Teresinha, BA. 3. Elísio Medrado, BA. 4. São Miguel das Matas, BA. 5. Varzedo, BA. 6. Castro Alves, BA. 7. Conservação ambiental. 8. Unidade de conservação. 9. Fauna. 10. Flora. 11. Bacia hidrográfica. 12. Solo. 13. Educação ambiental. 14. História. 15. Projeto Serra da Jiboia. I. Blengini, Isabelle Aparecida Dellela. II. Ferreira, Juliana de Melo Leonel. III. Cintra, Maria Alice Martins de Ulhôa. IV. Lilite. V. Grupo Ambientalista da Bahia (Gambá), Salvador, BA. VI. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Cruz das Almas, BA. VII. Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), Feira de Santana, BA. VIII. Empresa Estrutural de Estudos e Projetos. IX. Tropical Forest Conservation Act (TFCA). X. Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio). XI. Título: Proposta de unidade de conservação da Serra da Jiboia.

CDU 502:37

PRIMEIROS PASSOS

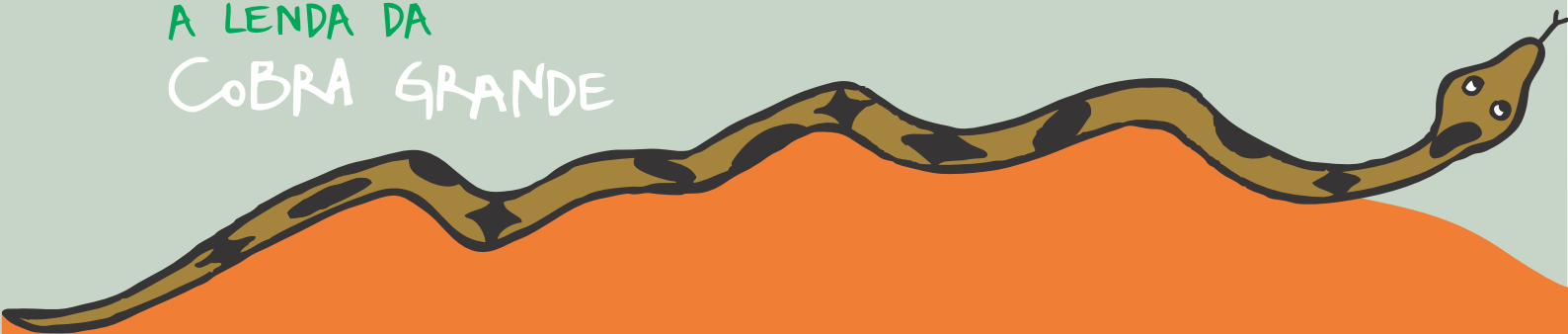
Há inúmeros motivos concretos para conservar a Serra da Jiboia: um solo frágil, uma flora exuberante, uma fauna rica e os benefícios que essa natureza proporciona a todos que ali vivem e constroem suas vidas. Pretendemos descrever em linhas gerais e de forma simples tais motivos nas páginas que se seguem.

Há também razões de outra ordem, que povoam o nosso imaginário, invisíveis! São as lendas, as crenças populares, as histórias que correm de boca em boca, mas que acabam por influenciar nossos comportamentos e nossas atitudes. Olhar para esse patrimônio imaterial e extrair dele pistas sobre a continuidade da vida também ajuda a criar identidade e fortalecer a ideia da conservação da Serra da Jiboia.

Para que o leitor ou a leitora sejam estimulados a mergulhar na “atmosfera” da Serra da Jiboia, a “Cobra Grande” vai abrir esta publicação, como um mascote que ajudará vocês a refletir sobre as informações aqui apresentadas, a despertar a curiosidade por novos conhecimentos e a valorizar a importância de conservar a Serra como guardiã das águas.

Com a palavra, a “Cobra Grande”...

A LENDA DA COBRA GRANDE



Contam os antigos moradores da Tocaia que, em certas ocasiões, durante as luas cheias, era um verdadeiro suplício carregar água para casa. Aos pés da Serra da Jiboia, havia, sob o desaguar de um riacho que descia da nascente, um grande poço de água entre rochedos, que frequentemente ouviam roncar quando trovoava. Com medo de algum infortúnio, as moças e senhoras do povoado iam pegar água com seus potes e moringas somente ao nascer do dia e ao entardecer

No entanto, às vezes, essas pobres mulheres voltavam assustadas para casa, pois havia naquele poço uma misteriosa aparição: uma cobra de dimensões gigantescas, dourada, de olhos verdes faiscantes, que, segundo os antigos índios Cariris, era a guardiã do poço. Enrolada em volta do poço, a grande serpente encarava a todos que se aproximavam, majestosa.

Um certo dia, conta a lenda, uma velha senhora foi apanhar água nesse poço como de costume. Lá encontrou a serpente chamada pelo povo de “cobra grande”. As outras mulheres olhavam de longe quando, de repente, viram que a senhora, uma rezadeira descendente de índios, tirou alguns galhos de Candeia e começou a benzer a serpente. Então a “cobra grande” calmamente desceu ao fundo do poço para que todos pudessem enfim servir-se da água à vontade.

A lenda diz também que, no dia em que o último galho de Candeia for arrancado, as nascentes da Serra da Jiboia secarão para sempre e uma grande seca assolará a toda a comunidade.

Autores e colaboradores dos textos

Trilhando a Serra da Jiboia

Adreani Araújo da Conceição

Estagiária da UFRB

Alan Daniel Cerqueira Moura

Professor da Uefs

Alessandra Nasser Caiafa

Professora da UFRB

Armando Nascimento Filho

Secretaria de Educação de Castro Alves

Breno de Souza Pessoa

Mobilizador Social - Gambá

Bruna da Silva Sampaio

Estagiária da UFRB

Carolina Saldanha Scherer

Professora da UFRB

Dinéia Pires Santos

Bióloga, volunt. do Gambá - Elísio Medrado

Emanuel Rosa Cerqueira

Estagiário da UFRB

Everton Luís Poelking

Professor da UFRB

Isabelle Aparecida Dellela Blengini

Bióloga - Gambá

Israel de Jesus Sampaio Filho

Estagiário da UFRB

Jackson Sacramento Almeida

Estagiário da UFRB

José Figueiredo

Assoc. Moradores do Engenho-Sta. Teresinha

José Lopes dos Santos

Assoc. Apicultores - Sta. Teresinha

Juliana Carvalho Barbosa Ramos

Estagiária da UFRB

Juliana de Melo Leonel Ferreira

Jornalista - Gambá

Lívia de Jesus Pereira

Estagiária da UFRB

Maria Alice Martins de Ulhôa Cintra

Conselho Diretor - Gambá

Maria Luiza Pereira Silva

Empresa Estrutural Estudos e Projetos

Mariela Brito de Almeida

Estagiária da UFRB

Oldair Vinhas Costa

Professor da UFRB

Rafael Rodrigues Freire

Empresa Estrutural Estudos e Projetos

Renato Pêgas Paes da Cunha

Engenheiro - Gambá

Sérgio Schwarz da Rocha

Professor da UFRB

Téo Veiga de Oliveira

Professor da Uefs

Thomas Vincent Gloaguen

Professor da UFRB

Wallyson Herbet da Silva

Estagiário da UFRB

Equipe do Projeto Serra da Jiboia

GRUPO AMBIENTALISTA DA BAHIA (Gambá)

Breno de Souza Pessoa – Mobilização Social

Cíntia Regina de Jesus Hipólito – Assessoria Administrativa

Isabelle Aparecida Dellela Blengini – Coordenação do Projeto

Juliana de Melo Leonel Ferreira – Assessoria de Comunicação

Maria Alice Martins de Ulhôa Cintra (Lilite) – Conselho Diretor

Renato Pêgas Paes da Cunha – Coordenação Executiva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB)

Vegetação

Alessandra Nasser Caiafa – Professora, Coordenação do Projeto

Israel de Jesus Sampaio Filho – Estagiário

Jackson Sacramento Almeida – Estagiário

Lívia de Jesus Pereira – Estagiária

Geologia, Hidrologia e Geomorfologia

Juliana Carvalho Barbosa Ramos - Estagiária

Thomas Vincent Gloaguen - Professor

Pedologia

Emanuel Rosa Cerqueira - Estagiário

Oldair Del'Arco Vinhas - Professor

Invertebrados Aquáticos

Adreani Araujo da Conceição - Estagiária

Elinsmar Vitória Adorno (in memoriam) - Professor

João Pedro Torres Santos - Estagiário

Sérgio Schwarz da Rocha - Professor

Geoprocessamento

Everton Luís Poelking - Professor

Mariela Brito de Almeida - Estagiária

Priorização

Guilherme de Oliveira - Professor

Maria Clara Medrado Almeida - Estagiária

Invertebrados terrestres (Insetos)

Marcos Gonçalves Lhano - Professor

Mastofauna (mamíferos)

Carolina Saldanha Scherer - Professora

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (Uefs)

Mastofauna (mamíferos)

Bruna da Silva Sampaio - Estagiária

Téo Veiga de Oliveira - Professor

Wallyson Herbet da Silva - Estagiário

Aves

Alan Daniel Cerqueira Moura - Professor

EMPRESA ESTRUTURAL ESTUDOS E PROJETOS

Caracterização Socioeconômica da Serra

Maria Luiza Pereira Silva – Colaboradora técnica

Rafael Rodrigues Freire – Coordenador de Estudos

Rômulo Rafael dos Santos – Colaborador técnico

SUMÁRIO



Apresentação **6**

BARRAGEM
DA DONA COTA



Começando
a Trilha **8**

PEDRA DA MENEGILDA
ou DO MELÃO



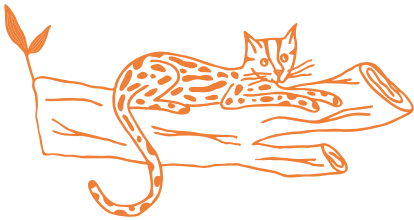
Aspectos Físicos **9**

Vegetação **12**

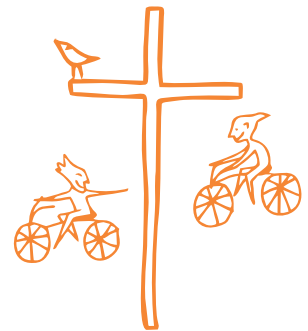


PICO DA MANDALA

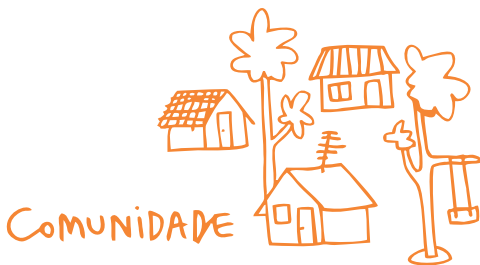
Fauna **14**



Quem morava aqui? **20**



Quem mora aqui? **21**



COMUNIDADE

Como podemos
cuidar da Serra? **28**



RPPN GUARIRÚ

TRILHANDO A SERRA da JIBOIA

APRESENTAÇÃO

OLÁ, LEITORES

É com grande orgulho que o Grupo Ambientalista da Bahia (Gambá) e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) apresentam a publicação Trilhando a Serra da Jiboia, que convida você a caminhar conosco por uma trilha de informações ao longo da belíssima Serra da Jiboia.

O levantamento das informações e esta publicação são frutos do Projeto Serra da Jiboia, financiado pelo *Tropical Forest Conservation Act* (TFCA) através do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio).

O projeto é executado pelo Gambá em parceria com a UFRB. Foi formada uma equipe de pesquisadores para estudar vários aspectos da Serra, como suas plantas, seus animais, rios, solos e ocupação humana. Além desta parceria, participam da equipe, pesquisadores da Universidade Estadual de Feira de Santana e da Empresa Estrutural Estudos e Projetos.

A ideia de conhecer cada detalhe da Serra parte do pressuposto de que, para cuidar, precisamos amar; e, para amar, precisamos conhecer. Só conhecendo bem podemos realmente saber a melhor forma de cuidar da biodiversidade da Serra da Jiboia.

Compartilhamos essas informações a seguir para que todos nós possamos cuidar juntos da Serra. Esperamos, com isso, motivar cada leitor e leitora a se juntar a essa caminhada conosco, aventurando-se pelas trilhas da conservação e da construção do saber.

Gambá

Há mais de trinta anos, no começo da década de 1980, iniciava o caminho do Gambá, quando a bandeira pela questão ambiental foi tomada por nós como missão.

Em 1996, chegamos à Serra da Jiboia, o mais importante remanescente da Mata Atlântica do Recôncavo Sul baiano, e foi ali que nossa prática pela conservação ambiental passou a incluir também projetos de restauração florestal.

O Gambá fez da Serra uma de suas casas. Conseguiu permissão para se instalar em uma propriedade chamada Reserva Jequitibá, no meio da floresta, e então passou a desenvolver projetos a partir do seu Centro de Pesquisa e Manejo da Vida Silvestre (CPMVS). A maioria destes projetos é voltada para a proteção da flora e da fauna que lá existem, para o replantio de florestas que já foram derrubadas e também para a sensibilização das comunidades do entorno, para que elas possam se tornar protagonistas da conservação desse patrimônio que é bem comum de todos.



GAMBA
Grupo Ambientalista da Bahia





Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)



A UFRB, através de um grupo de pesquisadores, vem trabalhando há anos para levantar dados que possam comprovar a importância da Serra da Jiboia para a conservação da biodiversidade.

Neste projeto, aliou-se a pesquisadores da Universidade Estadual da Feira de Santana (Uefs), e, junto com o Gambá, assumiu a empreitada de reunir os estudos que já foram feitos, pesquisar novas informações e organizar todo esse conhecimento em mais uma proposta concreta de conservação da Serra da Jiboia.

Para que serve o Projeto Serra da Jiboia?

A estratégia do Projeto Serra da Jiboia é elaborar uma proposta bem fundamentada para que os órgãos competentes possam transformar a Serra em uma ou mais Unidades de Conservação, ou seja, um local onde a proteção e a conservação da natureza sejam prioridades.

Para tanto, dentro das Unidades de Conservação (UCs) há uma série de regras que definem o que é possível fazer sem prejudicar a conservação dos recursos naturais locais. Essas regras variam de acordo com o tipo de UC adotada.

Existem as Unidades de Uso Sustentável, onde é possível morar, plantar e desenvolver atividades desde que de forma integrada com a natureza; e há também aquelas de Proteção Integral, onde os usos são mais restritos e priorizam a conservação e as atividades de baixo impacto, como o turismo ecológico.

A proposta da equipe do projeto defende que uma parte da Serra, onde há florestas, seja transformada em uma Unidade de Conservação de Proteção Integral para garantir a proteção da natureza. Já sobre o entorno, pretende-se que seja uma área com menos restrições, para que as comunidades ali instaladas tenham assistência técnica e acesso a políticas públicas para continuar produzindo, trabalhando e mantendo seu modo de viver de forma integrada, além de ajudarem a proteger a Serra.

Essa proposta ainda depende de um longo caminho de consultas públicas, que devem ser realizadas pelos órgãos ambientais competentes. Isso pode garantir que as comunidades sejam ouvidas e não saiam prejudicadas durante o processo de criação da Unidade de Conservação. Pelo contrário, permite que participem, busquem os benefícios para a geração de renda, tenham a abundância de água e outros benefícios que a floresta pode oferecer (vide encarte desta publicação).

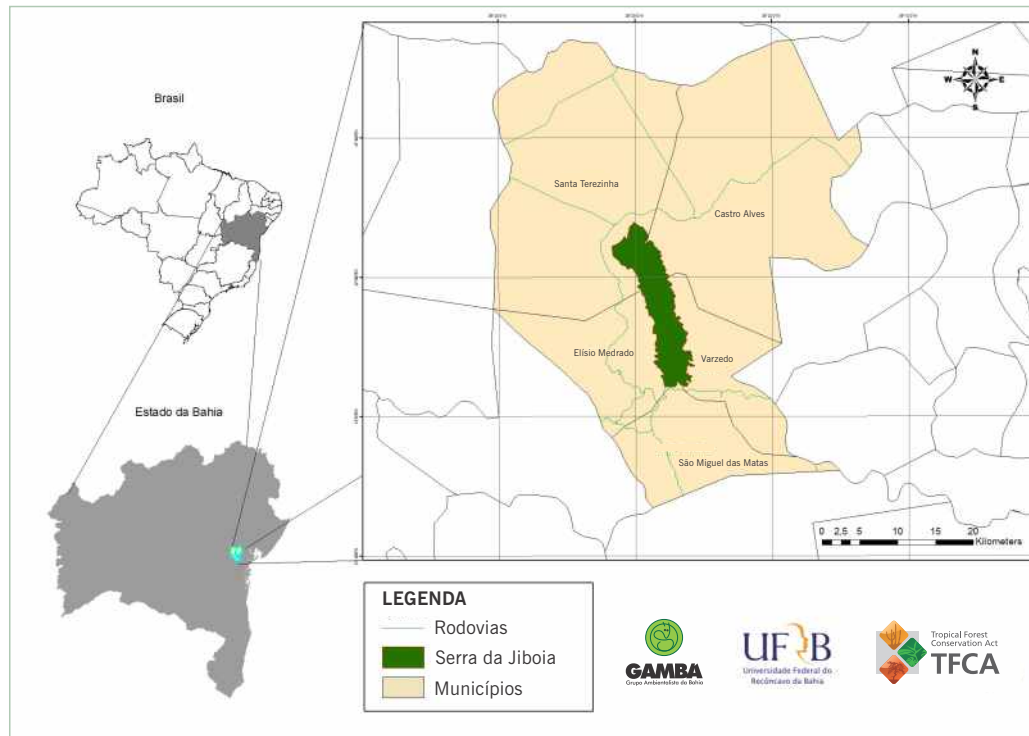
SERRA da JIBOIA



Onde fica a Serra da Jiboia?

Caminhando pelo Recôncavo Sul da Bahia, a noroeste do município de Santo Antônio de Jesus, bem perto de Amargosa, encontramos o maciço serrano da Serra da Jiboia. Ele está localizado no meio de cinco municípios: Elísio Medrado, Santa Teresinha, Castro Alves, Varzedo e São Miguel das Matas.

Figura 1
Localização da
Região do
Recôncavo Sul
Baiano/BA

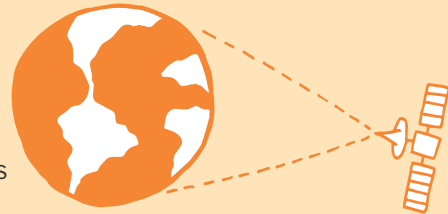


Você sabia que é possível ver a Terra por imagens de satélites feitas lá do espaço?

Com essas imagens é possível visualizar e quantificar o que ainda há de mata na Serra da Jiboia, localizar rios, solos e os demais componentes da nossa paisagem.

Também podemos dizer o que está sendo feito em cada parte do lugar, através de uma ferramenta chamada “mapa de uso da terra”, que mostra as áreas onde há florestas e água, e aquelas com solo exposto ou usado para a agropecuária.

No nosso caso, com os desmatamentos constantes, a vegetação ficou restrita às áreas mais inclinadas e ao topo da Serra. Os moradores da região geralmente residem nas áreas mais baixas, onde são feitas a agricultura e a criação de animais.



SERRA da JIBOIA

Nosso CHÃO

O solo é responsável pela sustentação de diferentes plantas e por fornecer a elas nutrientes, água e calor. Por isso, ele precisa ter características diferentes conservadas para poder exercer essas funções.

Todo solo é um corpo. Parece simples, mas, como não dá para visualizá-lo por inteiro, é difícil entender que o solo é um corpo, não é apenas uma linha onde a gente pisa. Isso significa que o solo possui limites: altura, comprimento e largura.

Mas, se o solo é um corpo, o que o delimita?

É fácil! Em cima, há a atmosfera, o ar. Esse é o limite a que estamos mais familiarizados, pois é onde pisamos. Mas, para baixo, o solo também tem um limite: as rochas ou os sedimentos. E para os lados? Os limites dos solos podem ser um rio, o mar, um lajedo ou outro solo.

Você pode se perguntar: outro solo? Um solo vizinho de outro solo? Sim, isso mesmo. Assim, vejam que interessante: quando olhamos para uma paisagem, escondidos abaixo da terra, há uma distribuição enorme de corpos de solos, um em sequência ao outro, cada um com suas características particulares.

E por que as matas são importantes para o solo?

São as matas que ajudam a manter os rios com vida e com água. Os rios dependem delas para não secar, já que a terra e os nutrientes do solo seriam levados enxurrada abaixo em dias de chuvas fortes sem a ajuda das matas.

Além disso, os animais moram nas matas e, sem elas, não teriam para onde ir e poderiam morrer de fome e sede.

Por isso, preservar as matas, principalmente perto das nascentes e dos rios, é muito importante para garantir água limpa e rica em nutrientes, além de abrigo para os animais e para nós.

As matas também são responsáveis pela regulação do clima e essenciais para a sobrevivência dos seres vivos, pois são produtoras de oxigênio.



ASPECTOS FÍSICOS



Fotos Dineia Pires

E o solo da Serra da Jiboia?

Na Serra da Jiboia existem solos muito diferentes. No topo, temos a rocha exposta e solos muito novos e rasos (*Neossolos*). À medida que vamos descendo, os solos vão ficando mais profundos (*Cambissolos*), até chegar a ficar velhos e profundos (*Argissolos* e *Latossolos*).

Por causa da floresta, os solos da Serra possuem muita matéria orgânica (folhas, galhos, frutos, flores e até animais mortos em decomposição) e, neste caso, são considerados orgânicos. Como chove muito na Serra, a maioria dos solos é pobre em nutrientes. Muitos destes nutrientes já foram retirados pelas plantas como alimento ou são "lavados" pela água e escoam para os rios.

Estas características, junto com o relevo montanhoso, fazem com que os solos sejam muito sensíveis, por isso precisam ser protegidos. E quem faz essa proteção natural são justamente as árvores que os cobrem.

Como é moldada uma serra?

Montanhas, planícies, vales, tabuleiros, qualquer parte do relevo, nunca esteve, não está e nunca estará parada. Aquela cumeeira que enxergamos no horizonte, está em constante modificação!

Montanhas chamadas de recentes, como Himalaia (Ásia) ou Andes (oeste da América do Sul), ainda estão se formando e crescendo! É claro que o processo é muito lento, por isso não podemos notar, mas toda a camada superficial da Terra se mexe alguns centímetros por ano; essa camada é separada em placas, e todas elas se movem umas com as outras. E é assim também que se formam as serras!

No caso da Serra da Jiboia, esse movimento ocorreu numa época muito remota chamada Arqueano, há cerca de 2.700 milhões de anos, quando ainda não existiam seres humanos na Terra. Naquela era, a Bahia estava dividida em placas, separadas por pequenos oceanos. A Serra da Jiboia foi formada quando duas dessas placas se juntaram, fechando o oceano num processo de colisão que elevou toda a região. Por isso a Serra da Jiboia é única, limitando duas placas tectônicas, um testemunho dessa grande fusão.

Hoje, a Serra da Jiboia não está mais se elevando, caso contrário, ainda haveriam terremotos e vulcões como na época da sua formação! Mas isso não significa que ela está parada. Há outro processo geológico nas superfícies: a erosão do solo, que se origina da rocha. Por exemplo, aquelas águas barrentas durante as enxurradas estão carregadas de argilas, que foram formadas a partir dos minerais das rochas. Por isso, podemos dizer que a água é capaz de moldar montanhas!

SERRA da JIBOIA

Pense num vale. Ele é, na verdade, um espaço cavado lentamente por um córrego, que virou riacho, que virou rio. Então, olhando para o horizonte, vemos que a água, mais do que as montanhas, molda toda a paisagem. Por isso, o estudo do relevo (Geomorfologia) leva ao estudo dos rios (Hidrografia).

Graças a essa elevação de origem geológica, há hoje bloqueio e formação de nuvens, chuvas importantes e existência de uma ilha de vegetação, circundada por clima mais seco. Esse efeito climático torna as serras produtoras de água. Portanto, elas devem ser tratadas com o máximo de atenção para que a água gerada seja abundante e de qualidade para que os seres humanos vivam bem.

FALANDO EM ÁGUA...

O que é uma bacia hidrográfica?

A bacia hidrográfica é uma área geográfica natural, limitada pelos pontos mais altos do relevo (divisores de água), dentro da qual a água proveniente das chuvas e outros processos (evaporação e condensação, por exemplo) é drenada superficialmente até um corpo d'água principal (fundo do vale) e deste até a saída da bacia. O fim da bacia hidrográfica geralmente é o mar ou outro rio maior que vai até o mar.

Os rios começam nas nascentes do alto da serra e descem para as áreas mais baixas, devido à lei da gravidade. Os moradores da região geralmente residem nessas áreas mais baixas onde são feitas a agricultura e a criação de animais.

Por definição, uma serra é um divisor de águas, já que as águas que caem nos dois lados da serra vão para lugares diferentes. Assim, uma serra não alimenta um lugar restrito, mas distribui suas águas para diversas localidades.

Águas da Região

A Serra da Jiboia é parte da cabeceira de quatro bacias hidrográficas, abriga mais de 40 nascentes permanentes ou intermitentes, formando cerca de 15 riachos, os quais alimentam quatro rios importantes na Bahia: rio da Dona, rio Jaguaripe, rio Jiquiriçá, e rio Paraguaçu.

Esses quatro rios percorrem diversos territórios na Bahia: Baixo Sul, Vale do Jiquiriçá, Piemonte do Paraguaçu, Portal do Sertão e Recôncavo. Preservar a Serra da Jiboia significa, portanto, cuidar da água que irá passar por 30 municípios do Estado da Bahia.

As cidades em torno da Serra dependem da água de rios que ali nascem

Por esse motivo a conservação das matas, rios, córregos e nascentes da Serra da Jiboia é uma responsabilidade de todos nós, fundamental para que a população da região continue tendo água disponível na torneira de casa. Por isso, colabore e preserve a Serra da Jiboia, suas nascentes e seus rios!

SERRA da JIBOIA



VEGETAÇÃO

Você já se perguntou se existe organização nas florestas?

A gente mora em cidades, bairros e comunidades, assim somos populações organizadas em locais diferentes. E as plantas também são assim, elas se organizam em populações.

Como nós, essas populações de plantas que vivem num mesmo local diferem entre si e formam comunidades. Elas também têm famílias e cada uma desempenha diferentes funções. Cada uma carrega sua própria identidade, ou seja, nome, idade e tamanho. E, assim como nós, elas nascem, crescem, se reproduzem e morrem.

As árvores são essenciais para nós porque fornecem algo que sozinhos não conseguimos produzir: oxigênio, elemento que nos permite respirar. Além disso, elas podem acumular poluentes, como o gás carbônico (CO₂), e manter limpa nossa atmosfera.

As florestas são formadas por vários aspectos físicos, uma fauna diversificada além de diferentes tipos de plantas, e por isso dizemos que elas têm uma grande biodiversidade. E o que isso significa? Significa que as florestas tem grande diversidade de vida (bio=vida) e são muito importantes para a manutenção da vida. Ainda há muito o que conhecer e estudar.

Os estudos realizados ajudam a compreender as funções das florestas, como elas são e se organizam, e quais dessas plantas existem na Serra para que seja possível protegê-las.



ATENÇÃO!

Invasão biológica é o processo de introdução e adaptação de espécies que não fazem parte naturalmente de um determinado ecossistema, mas que se naturalizam e passam a provocar mudanças em seus processos ecológicos.

Uma das espécies que vem demonstrando comportamento invasor na Mata Atlântica é *Artocarpus heterophyllus*, conhecida como **jaqueira**. Mesmo fazendo parte do nosso cotidiano há tanto tempo, a jaqueira não é uma árvore original da Mata Atlântica. Ela veio do sudeste asiático e, por ter frutos

carnosos (jacas), foi introduzida em diversos países para servir de alimento.

No entanto, ela tem se tornado indesejável em alguns locais, a exemplo do Parque Nacional da Tijuca, no Rio de Janeiro. Isso porque a sua presença causa um desequilíbrio na comunidade nativa.

Na Serra da Jiboia, especificamente na RPPN Guarirú, temos um estudo que mostra o potencial invasor da jaqueira, pois já aparecem em grande quantidade, ou seja, em uma ampla população, reduzindo a biodiversidade de árvores de Mata Atlântica.

Por esse motivo, quando fazemos restauração florestal ou recuperação de áreas degradadas devemos usar sementes e mudas nativas da Mata Atlântica.

Vamos ficar atentos ...

A existência de florestas na Serra nos proporciona bem-estar e, por isso, dizemos que elas nos prestam importantes serviços ambientais gratuitos, como a produção de água, o ar puro, a manutenção do clima, além de servir de casa para os animais.



Serviços Ambientais

Os bens da natureza, nós cuidamos deles para a natureza cuidar de nós.

Se cuidarmos bem da nossa Serra e vivermos em harmonia com a natureza, vamos notar que a floresta nos presta enormes serviços. Sem ela, esses serviços não poderiam se dar, já que a manutenção da vida está diretamente ligada à floresta

Quais são esses serviços ambientais?

- Produção e armazenamento de água
- Purificação da água
- Controle de enchentes
- Purificação do ar
- Polinização
- Formação da matéria orgânica
- Redução das pragas e doenças através de controle biológico
- Manutenção da biodiversidade
- Manutenção do clima e controle da temperatura
- Abrigo da fauna
- Beleza cênica

Aqui vale um destaque para a polinização:

As **abelhas**, e também as **vespas**, atuam como importantes **agentes polinizadores** de inúmeras espécies vegetais, inclusive aquelas que fornecem alimentos para nós. Esses insetos são essenciais para a **polinização de uma grande quantidade de frutas e legumes**.

Apenas o trabalho das abelhas para a agricultura é estimado em bilhões de reais. Recentemente, os apicultores e agricultores vêm percebendo o desaparecimento de milhões de abelhas, um grave problema que ameaça a produção de mel e as colheitas que dependem do papel-chave destes insetos na polinização.

A queda das populações de abelhas, conhecida como Síndrome do Colapso das Abelhas, ocorre por fatores naturais e pela **ação humana**, por meio da **destruição do ambiente** onde vivem as abelhas selvagens e do uso massivo de agrotóxicos e agroquímicos. Sem as abelhas, o mundo como o conhecemos entraria em colapso.

MAMÍFEROS

Para saber quais mamíferos habitam uma determinada área, os pesquisadores usam métodos diferentes: armadilhas que capturam os animais vivos (baldes enterrados onde eles caem); câmeras fotográficas escondidas na mata; além de redes muito finas que servem para prender especificamente os morcegos.

Depois de identificados, a lista que resulta dos trabalhos de campo ajuda os pesquisadores a tomar as decisões devidas.

A fauna de mamíferos é diversa?

Ótimo! Vamos lutar para que os ambientes permaneçam capazes de oferecer a estes animais o alimento e o abrigo de que necessitam!

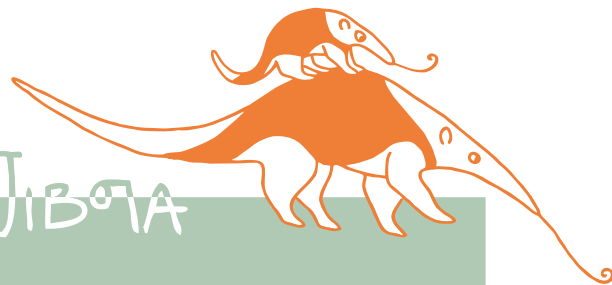
A fauna de mamíferos está empobrecida?

Que pena! Precisamos então batalhar para evitar o desmatamento, a destruição das

nascentes de rios e fazer com que os animais tenham um ambiente adequado para viver!

A Serra da Jiboia tem potencial para abrigar muitas espécies de mamíferos, mas atividades indesejáveis como o desmatamento e a caça ilegal ameaçam o futuro destes animais.

Da próxima vez que você ouvir alguém dizendo que acha certo que estes animais sejam caçados, pergunte a esta pessoa se há algum sentido em imaginar uma mata sem macacos, sem jaguatiricas ou sem preguiças! Se ela disser que sim, ainda tem muito a aprender!



SERRA da JIBOIA



FAUNA

Os mamíferos são animais bem conhecidos pela população de uma forma geral.

Entre eles estão todos os animais que produzem leite para alimentar seus filhotes, como nós mesmos, os cachorros e gatos.

Mas não é só em nossas casas que podemos encontrar este tipo de animal; as florestas de nosso país também são habitadas por uma grande diversidade de mamíferos. É provável que você já tenha ouvido falar em pacas, cutias, guigós, onças, jaguatiricas, raposas, lontras, quatis, caititus, sariguês, coelhos, tamanduás, preguiças, tatus e morcegos, dentre outros tantos mamíferos.

O que a maioria das pessoas não sabe é que estes animais são muito importantes para que as matas continuem a existir.

Os morcegos, por exemplo, que são popularmente conhecidos somente por se alimentar do sangue de cavalos e bois e transmitir raiva, são importantes para polinizar flores e para dispersar as sementes dos frutos que comem, plantando novas árvores. Além disso, poucas espécies se alimentam de sangue. Sobre a raiva, das mais de mil espécies de morcegos conhecidas, só três transmitem a doença!

Outros mamíferos também são importantes porque comem insetos que poderiam tornar-se pragas em plantações e transmitir doenças.



E AS AVES?!



QUAIS EXISTEM NA SERRA DA JIBOIA?



Foto Alan Moura



Choquinha-de-peito-pintado

Dysithamnus stictothorax | Quase ameaçada (IUCN)

O desmatamento e a fragmentação das florestas ameaçam a Choquinha-de-peito-pintado, cuja população já apresenta sinais de declínio.

Foto Cyrio Santana



Jacupemba | *Penelope superciliaris*

Em perigo crítico (MMA 2014)

A Jacupemba é encontrada desde o sul do rio Amazonas até as florestas litorâneas da Mata Atlântica. Está criticamente ameaçada tanto pela perda de habitat causada pelo desmatamento, como pela ação da caça.

É uma ave de grande porte, se alimenta de frutas (frugívora), e tem um papel importante na dispersão de sementes das espécies mais altas da floresta.

Foto Marcelo Lemos




Sabiá-pimenta | *Carpornis melanocephala*

Vulnerável (IUCN)

O Sabiá-pimenta só é encontrado na Mata Atlântica e atualmente está distribuído em populações pequenas e altamente fragmentadas.

Ele se alimenta de frutas (frugívoro) e tem um papel importante na dispersão de sementes de diversas espécies de plantas nativas da Mata Atlântica.



**NÃO PRENDA
PÁSSAROS!**

**LIVRES
ELES CANTAM
MAIS BONITO!**

**Já imaginou se alguém cuidasse de sua
lavoura para você?**

Alguns pássaros se alimentam de insetos que podem atacar sua lavoura. Esse controle biológico de pragas é feito de graça, basta deixar os pássaros livres no meio ambiente.

**Já imaginou se alguém semeasse floresta e
água para você?**

Alguns pássaros se alimentam de frutas e, ao depositar suas fezes com sementes no solo, plantam árvores e ajudam a recuperar florestas. As florestas garantem a preservação de nascentes e rios, e só assim o agricultor pode continuar plantando.

Além disso, prender pássaros nativos é **crime ambiental** segundo a **lei 9.605/98**.

Quer saber mais sobre as aves da Serra da Jiboia?

Consulte a cartilha *Os “passarinhos” que a gente conhece: Diversidade de aves no município de Elísio Medrado, Bahia, segundo o saber popular local*.

A cartilha foi elaborada a partir de dados obtidos durante as pesquisas de campo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação de Biologia de Dinéia Pires Santos, cidadã de Elísio Medrado, que é voluntária do Gambá e já trabalhou como educadora ambiental. Ela teve como um dos orientadores e organizador dessa cartilha o Professor Eraldo Medeiros Neto (UEFS).



Mantenha os ouvidos atentos...

A pesquisadora Ana Teresa Loss conta, na sua dissertação de mestrado, que há um pássaro temido na região. Ele é conhecido como "saiacaia" ou "cavala", mas seu nome científico é *Gallinago undulata*. Ana Teresa perguntou a uma moradora antiga a história da "saiacaia" e ouviu a seguinte história:

“Meus pais dizia que foi uma filha excomungada que xingou a mãe de cavala, aí ficou esse pássaro que ninguém vê, passa de uma serra de uma serra para outra, quando ela passa, ela fala: “cavala, cavala, cavala”. É perfeito uma pessoa falar” (moradora de Pedra Branca, 63 anos).

SERRA da JIBOIA

INVERTEBRADOS AQUÁTICOS



Você sabia que, além de peixes, os rios, lagos e represas estão cheios de bichinhos?

Esses bichinhos são vermes, caramujos, camarões, caranguejos, ácaros e insetos que também são conhecidos como macroinvertebrados bentônicos.

Vivem na areia, no lodo ou em cascalhos do fundo dos corpos d'água doce, nas plantas aquáticas e algas e entre as folhas mortas e os restos de troncos que se acumulam no leito dos rios; e se alimentam de plantas, algas ou animais vivos ou mortos, e servem de alimento para organismos maiores, como peixes, sapos e aves.

Alguns deles passam a vida toda na água doce, mas outros vivem na água enquanto são larvas, para então tornarem-se adultos terrestres com asas, como é o caso das libélulas.

A fauna de macroinvertebrados é diretamente afetada por modificações nos ambientes aquáticos, inclusive aquelas causadas pelo homem, tais como desmatamento das margens dos rios, lixo ou esgoto. Alguns desses organismos são tão sensíveis que só conseguem viver em rios bastante preservados, de águas muito limpas e com muito oxigênio. Outros são mais tolerantes e vivem bem em lagos e represas com pouco ou quase nenhum oxigênio.

Essas características permitem que pesquisadores utilizem os macroinvertebrados bentônicos para avaliar a qualidade dos ambientes de água doce. Para tanto, biólogos e ecólogos precisam ir a campo para coletar os organismos utilizando uma rede de mão, também chamada de puçá, cuja malha é bem pequena. Durante a coleta, o puçá é passado por entre a vegetação marginal e no leito do rio para recolher o sedimento de folhas mortas e galhos acumulados, onde vivem os bichinhos.

Todo esse material é colocado dentro de sacos plásticos e levado ao laboratório para que o pesquisador procure e separe os pequenos animais do restante do material, num processo chamado triagem. Em seguida, os organismos são identificados e separados em diferentes grupos. Dependendo dos organismos que estiverem presentes no rio, lago ou represa, é possível determinar a qualidade do ambiente aquático investigado.

É mais ou menos assim: se um organismo que é bastante sensível não consegue viver em um córrego, é sinal de que há algum tipo de degradação. Isso leva esse córrego a ser povoado, em sua maioria, por organismos que são mais tolerantes, que conseguem viver em ambientes não tão saudáveis. Essa característica faz com que esses pequenos animais sejam considerados **bioindicadores**.



Fotos Equipe Invertebrados Aquáticos

Durante o Projeto Serra da Jiboia, analisando esses bioindicadores, nossa equipe verificou que alguns rios da Serra estão em bom estado de conservação e outros estão degradados.

De maneira geral, os rios localizados nas partes sul e leste da Serra da Jiboia estão em melhor estado de conservação do que aqueles situados no lado oeste. A retirada da mata ciliar é um dos fatores que contribui para a piora da qualidade ambiental dos rios e riachos. Em nosso estudo, os corpos d'água mais "saudáveis" foram justamente aqueles cercados por Mata Atlântica preservada.

E a Jiboia, onde entra nessa história?

As jiboias são répteis de médio a grande porte que podem chegar a quatro metros de comprimento. Elas se alimentam basicamente de aves e de pequenos e médios mamíferos. Sua pupila vertical é uma adaptação à vida noturna, para conseguir enxergar com pouca luz. No entanto, ela também é ativa durante o dia. Uma ninhada da jiboia pode ter até 50 filhotes e acontece entre novembro e fevereiro. Ao contrário do que se diz por aí, a jiboia não consegue engolir um boi e também não é a maior serpente do Brasil, é a sucuri que ocupa este posto.

Ninguém sabe ao certo de onde vem o nome da Serra da Jiboia. Seria porque havia muitas jiboias no local ou devido a uma lenda em que uma jiboia "avisa" sobre a necessidade de conservar a natureza. Ou ainda seria porque onde hoje fica Monte Cruzeiro, em Elísio Medrado, havia uma localidade conhecida por Jiboia, que fazia referência justamente à Serra. O mais provável, contudo, é que o nome tenha vindo do formato da Serra da Jiboia, vista de longe, por ser grande e com o topo sinuoso. Dá para imaginar uma jiboia passeando por seu cume. Os índios, por sua vez, chamavam a serra de Guarirú, que significa depósito de água.



SERRA da JIBOIA



Foto Dineia Pires



Falando de cobras, diz a lenda que... Quem mata é o medo, não o veneno!

Conheça a seguinte história contada por uma moradora antiga de Pedra Branca a Dídac Santos-Fita, sobre uma aposta entre a cobra e a lagartixa. Lembre-se que nem todas as cobras são venenosas, mas é melhor não arriscar, né? Na dúvida, mantenha a distância.

Um dia, estavam a cascavel e a lagartixa conversando. Elas discutiam sobre o que mata as pessoas, se o veneno ou o medo.

A cascavel dizia que era o seu veneno e a lagartixa dizia que, na verdade, era o medo que matava. Elas decidiram fazer uma prova para conferir.

Foram as duas para um caminho e se esconderam. Quando passou uma pessoa, a cascavel saiu, mordeu e se escondeu novamente. Nesse momento, apareceu a lagartixa. A pessoa, ao ver a lagartixa, achou que não tinha sido nada grave e foi embora. Nem caiu e nem morreu.

Depois, quem mordeu foi a lagartixa e se escondeu, aparecendo a cascavel. A pessoa, ao ver a cobra, do medo que teve na hora, caiu e morreu.

A lagartixa então afirmou triunfante: “Viu como é o medo quem mata!”

(Dona Lizinha, moradora de Pedra Branca, 63 anos).



Um pouco da história

A região do Recôncavo Sul baiano foi rota dos colonizadores portugueses através do Rio Paraguaçu, a partir de 1531. Subindo a partir da foz, encontraram resistência dos índios Payayás, da nação Tupi-Guarani.

Desviaram-se então, seguindo por terra, entrando pelos vales formados ao pé da Serra Guarirú, como era conhecida a Serra da Jiboia, na época. Encontrando fartura de recursos naturais (água, madeira, caça abundante, clima ameno), instalaram postos de apoio para as expedições.

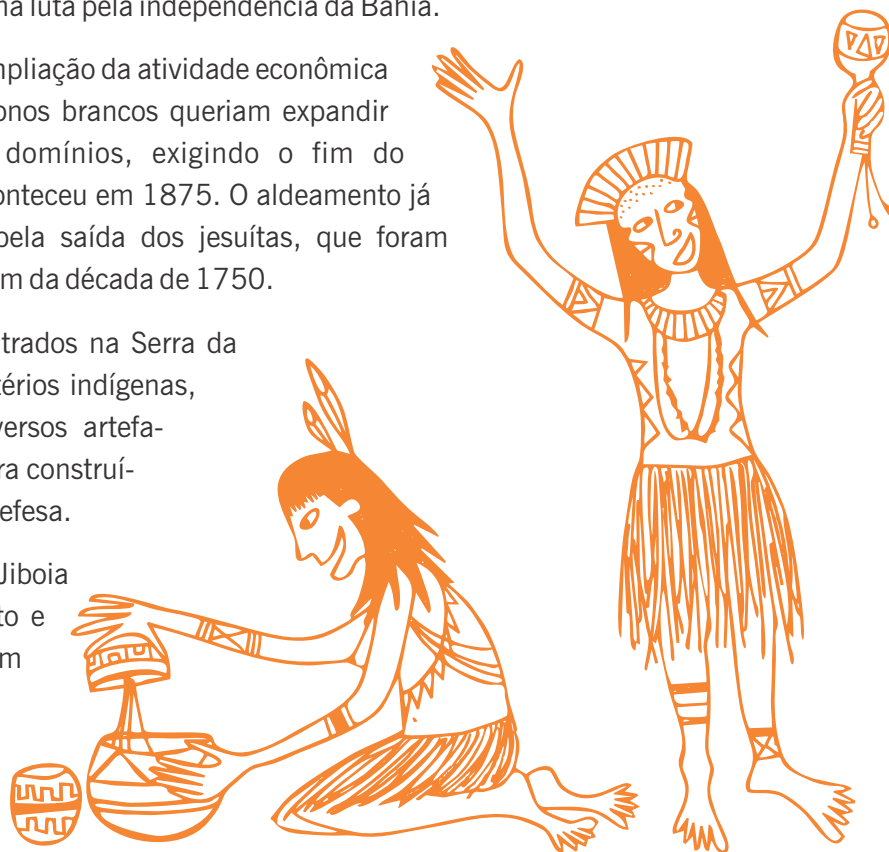
Mas, ao pé da Serra, habitavam índios Kariris-Sapuyás, onde hoje estão os municípios de Santa Terezinha e Elísio Medrado. Os bandeirantes e colonizadores que chegavam na área entravam em conflito constante com os indígenas. Por volta de 1650, quando chegaram os jesuítas, foi criado um “aldeamento” em Pedra Branca, uma área de terra onde os indígenas viviam, eram doutrinados pelos jesuítas na cultura do colonizador e submetidos a autoridades coloniais.

Os índios Kariri desse aldeamento serviam como trabalhadores na abertura de estradas, ajudavam a pacificar conflitos com outros indígenas no sertão e até a reprimir escravos quilombolas. Eles combateram também na luta pela independência da Bahia.

Ainda assim, com a ampliação da atividade econômica em Cachoeira, os colonos brancos queriam expandir suas terras e seus domínios, exigindo o fim do aldeamento, o que aconteceu em 1875. O aldeamento já estava enfraquecido pela saída dos jesuítas, que foram expulsos do Brasil no fim da década de 1750.

Hoje ainda são encontrados na Serra da Jiboia ruínas de cemitérios indígenas, urnas mortuárias, diversos artefatos, barricadas de pedra construídas pelos índios para defesa.

Portanto, a Serra da Jiboia já é habitada há muito e muito tempo e tem um valor histórico e antropológico inestimável.



SERRA da JIBOIA

Os municípios onde se localiza a Serra da Jiboia



Foto Juliana Ferreira | Acervo Gambá



Vertente Oeste

SANTA TEREZINHA

76% da população na Zona Rural

34 comunidades rurais

766 estabelecimentos agropecuários

84% das propriedades possuem menos de 50 ha, mas ocupam somente 12% da área do município.

No município de Santa Teresinha tudo é história do Brasil. A chegada dos portugueses em Pedra Branca no período colonial é visível nas fortificações e na vila com seus casarões.

Nas escolas, a história das lutas de negros escravos que se juntaram aos índios é contada e, fixada na memória popular, assim como a guerra e expulsão dos índios nativos do local. O Quilombo Campo Grande é testemunha do tempo da escravidão que seus antepassados sofreram na Fazenda das Telhas.

Nos tabuleiros ao redor da Serra, as comunidades de agricultores familiares plantam, principalmente, a mandioca para produção de farinha, milho, feijão, batata doce, banana e criam pequenos animais.

Antigas famílias de origem italiana que se instalaram na região também plantam uva e fabricam vinho tinto artesanal.

Os trabalhadores rurais da agricultura familiar buscam alternativas e orientação técnica para uma produção mais sustentável. O saber tradicional já percebe o esgotamento do solo nas minúsculas áreas e não encontram mais espaço para o rodízio de terras, para deixar o solo descansar.

Em Santa Teresinha podemos encontrar paisagens de **Mata Atlântica** e de **Caatinga**, além de uma zona de transição entre as duas.

SERRA da JIBOIA



Mas o que é Mata Atlântica e o que é Caatinga?

São biomas brasileiros com características particulares, como clima e solo. As plantas e os animais que lá existem são adaptados a essas condições, o que torna cada bioma diferente e com espécies próprias.

A Mata Atlântica

Já foi uma das maiores florestas do Brasil, sua distribuição original ia desde o litoral das regiões nordeste até o sudeste e o sul do Brasil.

Hoje já não é mais assim, devido ao alto nível de desmatamento, temos de mata apenas 12,5% do que existia quando os portugueses chegaram, de acordo com os dados lançados pela Fundação SOS Mata Atlântica, em 2015.

Na Mata Atlântica, o clima é úmido, com muita chuva. Quando a floresta está em um bom estado de conservação, podemos encontrar árvores de grande porte e bosques com grande variedade de espécies tanto vegetal como animal.

A Caatinga

Ocupa 11% do território nacional. Por ser um bioma de clima semiárido, com temperaturas elevadas e secas longas, muitas vezes é tido como sem valor. Porém, é o único bioma estritamente brasileiro, cujo nome é de origem indígena e significa “mata clara e aberta”.

Ela está localizada principalmente no Nordeste, aparecendo nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Sergipe e no norte de Minas Gerais.

A vegetação predominante da Caatinga possui espinhos nas cactáceas e reservatório de água, evitando a perda do líquido.

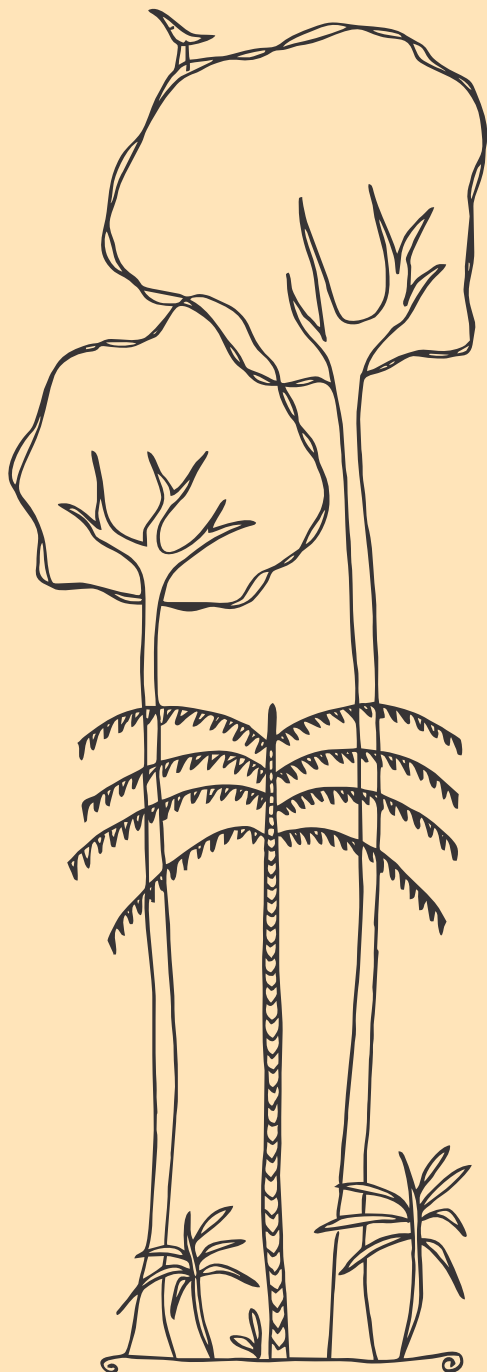


Ilustração baseada no desenho de Israel Sampaio Filho

SERRA da JIBOIA

Vertente Oeste

ELÍSIO MEDRADO

59% de população na Zona Rural

40 comunidades rurais

1.336 estabelecimentos rurais

**93% das propriedades têm menos de 50 ha,
mas essas propriedades somadas são menos
de 30% do município**

Em torno da Serra da Jiboia as comunidades rurais de agricultores familiares produzem mandioca, banana, milho, feijão, batata doce e trazem para a feira local, ainda, frutas e verduras. O principal produto é a farinha de mandioca. Nas médias e grandes propriedades predomina a criação de gado para corte, e tem ainda banana, cacau, laranja e café.

Encanta em Elísio Medrado o amanhecer com a vista da Serra da Jiboia e o som da chegada dos ônibus escolares, trazendo a meninada do

campo para as escolas. Na cidade ainda faltam escolas técnicas, profissionalizantes ou cursos superiores. As escolas com prédios de pátios acanhados, mas bem cuidados e coloridos, indicam a dedicação de alguns professores, apesar da simplicidade das edificações de ensino no Brasil.

Os projetos pedagógicos abordam a questão ambiental como uma preocupação para o futuro de crianças e adolescentes, que sonham alçar voos em busca de novas oportunidades que poderiam estar na própria região, mas não são potencializados.

São eles os miniguardiões da Serra, mais os grupos voluntários de adolescentes que atuam junto ao Gambá em ações de educação ambiental e mutirões para o plantio de mudas de plantas nativas da Mata Atlântica.

Fotos Dineia Pires



Peregrinação ao Monte Cruzeiro

A Peregrinação da Semana Santa ao Monte Cruzeiro é uma tradição centenária passada entre gerações na região da Serra da Jiboia. Na sexta-feira Santa (ou sexta-feira Maior), pessoas de várias localidades do município de Elísio Medrado, rumam em direção ao Monte como forma de penitência, lembrando os passos de Jesus durante a sua caminhada até o Monte Calvário.

As pessoas caminham em clima de oração, com os corações penitentes. Acreditam no sacrifício do corpo, como forma de perdão dos seus pecados. Na pequena capela construída pelos (as) moradores (as) no topo do Monte, no coração da Serra da Jiboia, os fiéis acendem velas e oram agradecidos por completarem a jornada, e pelos benefícios recebidos em suas vidas.

A caminhada às vezes é muito longa, como nos quase 15 km percorridos pelos fiéis que saem da sede de Elísio Medrado. Mas, o amor e a devoção durante a penitência compensam, pois, a fé é que os encoraja na caminhada e na vida.



Vertente Sul

SÃO MIGUEL DAS MATAS

68% de população na Zona Rural

23 comunidades rurais

1.179 estabelecimentos agropecuários

94% dos estabelecimentos com menos de 50 ha, ocupando 42% da área do município; a menor concentração fundiária dos cinco municípios.

Fotos Magno Bastos | Criativa Online

As médias e grandes propriedades de São Miguel das Matas têm uma maior produção de cacau, laranja, mas também criam gado.

As pequenas, em especial as comunidades localizadas nas bases da Serra da Jiboia, estão voltadas para a produção de farinha, cacau, banana e outros alimentos.

O preço pago ao produtor oscila, mas a farinha e o beiju de São Miguel são tradicionais e têm fama no mercado. No município, é intensa a movimentação dos estabelecimentos comerciais atacadistas de compra de cacau em amêndoa e farinha de mandioca.

Sair de moto de Elísio Medrado até São Miguel das Matas é um pulo, vento geladinho no rosto. Ou então pela alegre linha de ônibus local que vai parando e pegando todos pelo caminho em um sobe e desce intenso, com a maior paciência e atenção de seu jovem motorista.

O município de São Miguel Arcanjo e das matas é de todas as crenças e busca inclusive alternativas de como retomar suas matas, sendo o único município da região a iniciar a elaboração de seu Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica (PMMA), que a longo prazo pretende recuperar 20% da vegetação original.

Seus agricultores estão abertos às novas tecnologias, à sustentabilidade e às alternativas econômicas rentáveis. A generosidade, a doação e o esforço dos agricultores para contribuir na merenda escolar com sua produção é somada ao trabalho dos incansáveis parceiros institucionais: a Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente e o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar de São Miguel das Matas.

Eventos e participação não faltam. A festa e o desfile com as rainhas das culturas agrícolas e dos trabalhadores no 1º de Maio na cidade retomaram a autoestima dos agricultores e preservam a vida simples de todos.

São Miguel é terra de gente que busca alternativas para realizar sonhos: uma fábrica de chocolate, a água purificada com a moringa conforme experimentos de seu Vilas, formas de produzir mais e melhor de forma sustentável, diminuir a evasão dos jovens do campo com novas oportunidades locais de conhecimento, aplicação e difusão de suas ricas experiências.

SERRA da JIBOIA



Foto Robson Cerqueira Santos

Vertente Sul a Leste

VARZEDO

63% da população na Zona Rural

27 comunidades rurais

1.195 estabelecimentos rurais

95% deles tem menos de 50 ha e ocupam 44% da área do município

O município de Varzedo foi criado em 1989, formado por áreas destacadas dos municípios de Santo Antônio de Jesus e Castro Alves.

As principais lavouras permanentes são a laranja, a banana e o cacau. Entre as culturas temporárias, a mandioca é a preferida, mas há também o amendoim, cana de açúcar, feijão, milho, abacaxi e batata doce. Existe uma rede de integração de produção de frangos que também absorve mão de obra local.

Já que não existe uma Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, a Secretaria Municipal de Saúde tem se preocupado com a situação do meio rural. A iniciativa veio principalmente em função da contaminação dos rios e intoxicações por agrotóxicos. A Secretaria vem promovendo o debate em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e trabalha também pela implantação de uma feira do produtor.

A parceria com o Gambá para a formação de viveiros e o plantio de mudas florestais é requisitada pelos agricultores familiares em articulação com o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.

Os agricultores familiares têm consciência das questões ambientais, requerem apoio, soluções, fiscalização sobre os desmatamentos e a apropriação das margens dos rios com pastagens e barreiros. Doninha, de 93 anos, é orgulhosa da luta do Sindicato e recorda com saudades as belezas da Serra, a alegria dos animais, a água outrora abundante.

SERRA da JIBOIA



Foto Armando Nascimento

Vertente Norte a Leste

CASTRO ALVES

38% da população na Zona Rural

62 comunidades rurais

1.328 estabelecimentos rurais

82% desses têm menos de 50 ha e são apenas 10% da área do município

5% têm mais que 200 ha e representam 72% da área do município.

É o município com maior concentração fundiária, dos cinco municípios da Serra.

O município de Castro Alves é o mais diversificado em termos de setores produtivos, com forte comércio, mineração e indústrias ao lado de atividades agropecuárias.

A principal produção agrícola temporária é a mandioca, seguida do feijão e do milho. Quanto às culturas permanentes, temos a laranja, limão e banana.

As grandes e médias propriedades ocupam-se da pecuária, da mineração e das culturas

de laranja, limão, tangerina e abacaxi. As pequenas são diversificadas em culturas alimentares: mandioca predominando na serra, com a produção da farinha. Na caatinga temos feijão e milho.

É um centro de tradição cultural, do poeta Castro Alves, que defendeu a abolição da escravatura, jovem pouco compreendido na época. Uma bandeira atual é o meio ambiente, que aparece aliada à paixão pelo ciclismo.

O município tem uma Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente atuante, experiente nas técnicas de comunicação da extensão rural. Ela procura resolver as dificuldades de recursos e pessoal, que limitam seu raio de ação, implantando unidades de demonstração para que se espalhe o conhecimento.

Os agricultores familiares, localizados nas bases da Serra, fazem suas experiências e observações por conta própria, testando informações e seguros no saber tradicional. A alternativa de substituir a base econômica da produção de farinha de mandioca pelo cacau é considerada, mas o alcance é limitado. O cacau requer investimento, a terra é pouca, enquanto a farinha tem tradição no mercado local.

E afinal ... quem foi Castro Alves?

Um importante poeta brasileiro (1847- 1871), nascido na Fazenda Currealinho, sede atual do município de Castro Alves/BA.

Antônio Frederico de Castro Alves, considerado um poeta de transição entre o Romantismo e o Parnasianismo, escreveu versos amorosos e que retratam as belezas da natureza. Viveu no período em que ainda existia escravidão no Brasil e foi capaz de compreender o sofrimento dos negros, escrevendo versos de protesto contra a situação de maus tratos que viviam. Por isso foi chamado de “Poeta dos Escravos”.

Quem mais habita a Serra?

Há quem diga que na Serra da Jiboia não existe apenas uma biodiversidade de vegetação e fauna, tipos de solo diversos, comunidades, habitações, gente que vive e que visita essa região...

Corre a boca miúda que a Serra também seria morada de algumas assombrações que, de quando em quando, povoam o imaginário popular despertando ora o ceticismo, ora o medo, ora o respeito!

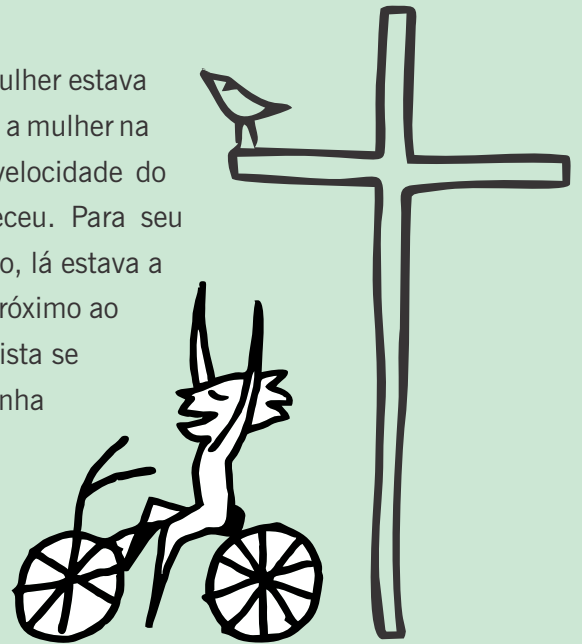
Pelo sim, pelo não, é sempre bom saber dessas histórias... Segue uma delas:

A mulher da bicicleta

Alguns moradores da região da Estiva, localidade que fica a caminho para Monte Cruzeiro, relatam as aparições da Mulher da Bicicleta. Algo realmente arrepiante, por ser uma aparição sobrenatural. Dizem que uma mulher desce a ladeira de bicicleta com uma velocidade descomunal. As pessoas que a encontram, ficam arrepiadas com muito medo e alguns chegam a ficar atordoados correndo em qualquer direção, enquanto a mulher da bicicleta desaparece na Curva do Rodó.

Um motorista de ônibus da região conta que esta mulher estava atrás do carro e quando ele olhava pelo retrovisor, via a mulher na bicicleta em alta velocidade, aí ele aumentou a velocidade do carro, olhou pelo retrovisor e a mulher desapareceu. Para seu desespero, quando parou o carro em Monte Cruzeiro, lá estava a mulher montada na bicicleta e vestida de branco, próximo ao pé de jaca que fica no centro do povoado. O motorista se arrepiou todo e quando olhou novamente a mulher tinha desaparecido.

Extraído do *blog* Gerando Cultura
de Mário Sérgio Campo | junho, 2015



COMO PODEMOS CUIDAR DA SERRA DA JIBOIA



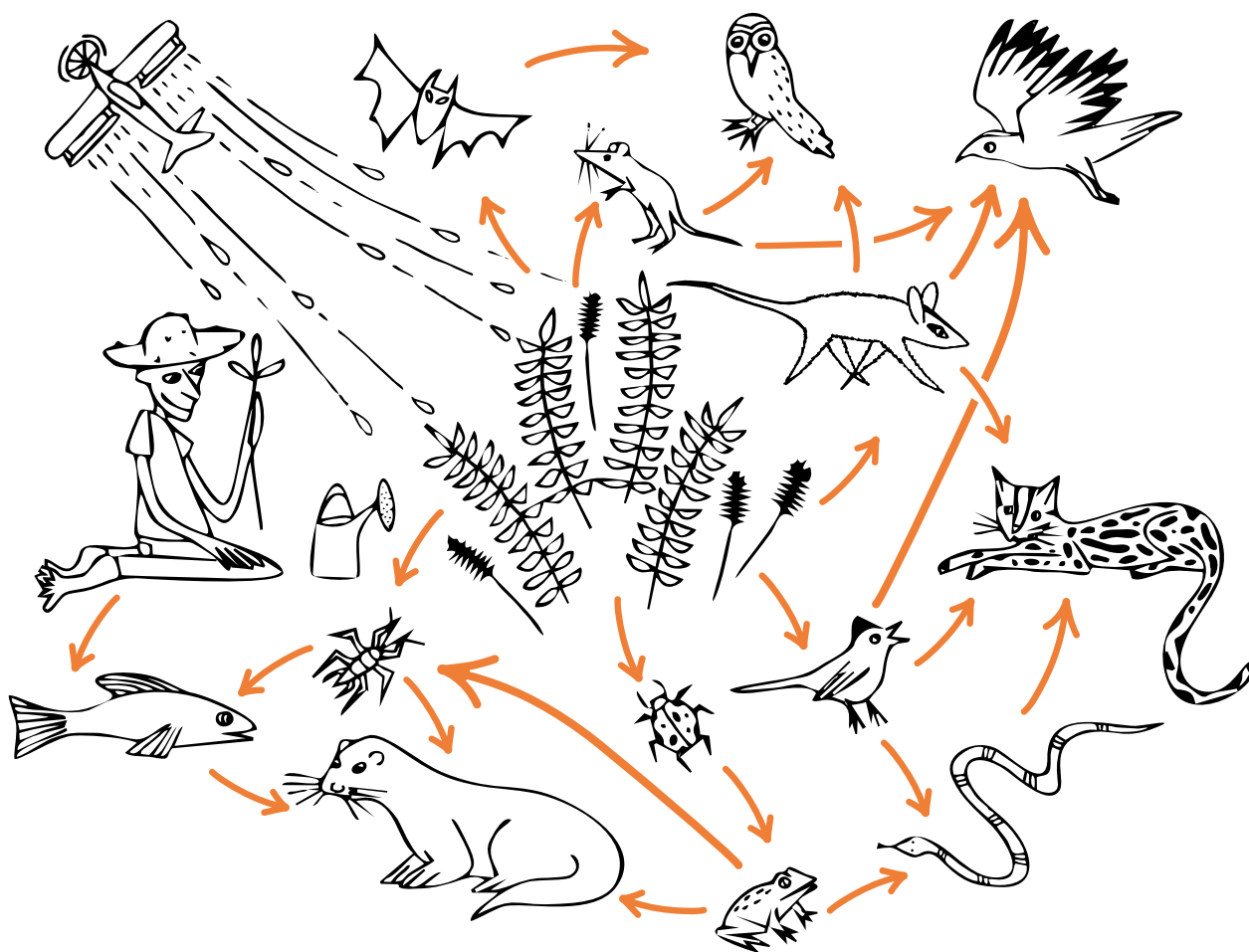
Refletindo sobre as ameaças à conservação

As ameaças à Serra da Jiboia são muito semelhantes nos cinco municípios, embora com intensidade diferente e algumas peculiaridades.

O fator mais citado que coloca a Serra em grande risco é o **desmatamento**. Ele ameaça a biodiversidade da vegetação, o abrigo dos animais e diminui a disponibilidade e qualidade de água. Se, historicamente, ele foi causado pelo plantio de fumo e de café, hoje a criação de gado é a principal responsável pelos danos.

As pastagens que estão se expandindo em direção à Serra também trazem outro problema: o **uso de agrotóxicos**. O herbicida usado nas pastagens contamina o solo, a água e os animais. Culturas como a da laranja também utilizam esse tipo de veneno.

**Acompanhe o ciclo e preste atenção nas conexões entre os elementos
e lembre-se que nós também somos um elo dessa cadeia**



SERRA da JIBOIA

Talvez a primeira consequência da destruição da Serra da Jiboia sentida pelo agricultor seja a **diminuição da quantidade de água**. O desmatamento de nascentes e de matas ciliares influencia diretamente na quantidade de água disponível para consumo e os agricultores conhecem bem essa relação. A abertura de poços artesianos na região já é frequente e causa polêmica entre as comunidades rurais. Outra consequência muito sentida é o **assoreamento dos brejões**.

A **caça** e o **tráfico de animais silvestres** preocupam por diminuir a biodiversidade da Serra e expor os animais a tratamentos cruéis. A prática tem sido intensamente combatida pelos órgãos de controle, em especial pelo Ministério Público de Santo Antônio de Jesus. Mas é preciso que a fiscalização dos órgãos competentes seja mais enérgica e que sejam ampliadas as possibilidades de locais para recuperação da fauna silvestre, com manutenção garantida pelo poder público.

Mesmo com todos esses fatores, a Serra ainda fornece água, tem pontos turísticos como as trilhas, o paredão para o salto de asa delta, cemitérios indígenas e eventos de cicloturismo.

Adotando estratégias para a conservação

O conhecimento e a busca por soluções sustentáveis é a grande expectativa dos agricultores familiares que vivem no cinturão em torno da Serra da Jiboia.

Até porque suas soluções baseadas no conhecimento tradicional e na orientação técnica padrão estão se esgotando e não conseguem dar conta da situação ambiental de degradação do solo, mudanças climáticas e devastação florestal, diminuindo a quantidade de água disponível.

É preciso pensar em outras soluções, porque suas pequenas propriedades não têm mais para onde se expandir. O cinturão de comunidades em torno da Serra da Jiboia produz diversos tipos de alimentos que abastecem as cidades.

Eles podem ser guardiões do meio ambiente e implementar **novos modelos de agricultura sustentável, com organização e cooperação da população, apoio técnico científico e visão política comprometida com o meio ambiente**.

Vai uma dica:

Programa de Educação Ambiental e Agricultura Familiar - PEAAF

É um programa do Governo Federal, elaborado especialmente para o público envolvido com a agricultura familiar. Podemos encontrar no *site* do Ministério do Meio Ambiente (Disponível em: <http://migre.me/s66hG>) materiais produzidos para a adoção de práticas sustentáveis na agricultura familiar e no manejo dos territórios rurais. Visite e conheça o Programa.





Foto Dineia Pires

Com todas as riquezas existentes na Serra e pensando em como ela tem sido ameaçada por usos que geram muito impacto, como podemos agir? Com certeza a solução não é uma só.

O Gambá, os pesquisadores da UFRB, da UEFS e da Empresa Estrutural, após os estudos realizados, acreditam que **criar Unidades de Conservação** na área seja extremamente importante. No entanto, tais Unidades precisam ter características que permitam a conservação da floresta e ao mesmo tempo possam manter o sustento e a forma de viver das comunidades do entorno.

Hoje há somente uma pequena UC de propriedade particular, ou seja, uma Reserva Particular de Patrimônio Natural de 41 hectares, chamada RPPN Guarirú, na região da Serra.

Por isso, a proposta é que haja uma unidade de proteção integral, mais restritiva, e outra de uso sustentável, para que no entorno os produtores sejam estimulados e capacitados a usar a terra de forma ecológica (vide encarte desta publicação).

É importante lembrar que essa é a proposta do Projeto Serra da Jiboia, que ainda precisa ser validada pelos órgãos ambientais e, principalmente, pela população dos cinco municípios que compartilham a Serra.

Mas a criação de UCs, por si só, não garante nada. Para que a estratégia dê certo, é preciso que a população participe de forma ativa da sua gestão e tome para si a tarefa de cuidar da Serra e diminuir os impactos que a ocupação humana causa. Para isso, é preciso sensibilizar as pessoas para a proteção do meio ambiente e também levantar a discussão de como é possível fazer isso.

Essa é tarefa da **Educação Ambiental**, que envolve, de um lado, a discussão das questões ambientais presentes no nosso cotidiano, sobre os mais variados temas: água, seca, produção de alimentos, agrotóxicos, criação agropecuária, florestas, desmatamentos, queimadas, tráfico de animais silvestres, mineração, turismo, estradas, dentre outros. De outro lado, envolve a formação da cidadania ambiental, com princípios e valores voltados para o bem estar do indivíduo e do coletivo.

SERRA da JIBOIA



EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA BAHIA

O nosso estado já tem a Lei da Política Estadual de Educação Ambiental, nº 12.056 de 07 de janeiro de 2011. Um dos instrumentos dessa lei é o Programa de Educação Ambiental da Bahia, que foi lançado em 2013, e traz várias orientações para a implantação da Educação Ambiental (EA), especialmente no item “Áreas Temáticas e Estratégias de Educação Ambiental”, onde são tratados os seguintes subitens: ensino formal; não formal; gestão das águas; saneamento ambiental; gestão das UCs; gestão municipal; licenciamento; educomunicação socioambiental.

E ainda...

A Secretaria de Educação do Estado já elaborou o ProEASE - Programa de Educação Ambiental no Sistema de Ensino, que pode ajudar as escolas a implantar a EA em suas atividades escolares e fomentar a criação de Salas Verdes e de Comissões de Meio Ambiente e Qualidade de Vida - ComVida, nas comunidades escolares.

As Prefeituras e as Secretarias de Educação Municipais também podem consultar a Recomendação nº 01 de 28 outubro de 2014, da CIEA - Comissão Interinstitucional de EA, que traz orientações para a implantação da EA nos municípios.

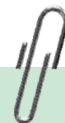
A EA proposta nesses instrumentos legais busca, por meio de um processo permanente, contínuo e participativo, realizar o diálogo entre os diversos atores que ocupam uma localidade, a fim de resguardar os ecossistemas, prevenindo os problemas ambientais e solucionando conflitos.

A Educação Ambiental pode ser aplicada às atividades e aos eventos da região e nos mais diversos espaços: em casa, na escola, nas universidades, nos locais de trabalho, dentre outros, inclusive nos espaços de representação como conselhos municipais, territoriais, UCs.

Os **Conselhos Gestores das Unidades de Conservação** que se pretende criar, após a implantação das UCs, podem ser ferramentas para que seus participantes sintam-se integrados com a realidade local da Serra da Jiboia e estimulados a replicar os aprendizados ali construídos.

Podemos **aproveitar todas as situações que nos façam refletir** sobre as relações entre humanos e a natureza e dos humanos entre si, para buscar uma compreensão mais integrada da realidade e planejar nossas intervenções no meio ambiente, de forma a não causar impactos danosos.

Manter todos os nossos sentidos atentos ao que se diz, a partir de diversos saberes, do oficial ao popular, do científico ao espiritual. Cada qual tem sua sabedoria. A nós cabe não dispensar nenhuma e aproveitá-las em benefício da conservação da vida!



O que estaria nas entrelinhas da lenda sobre “O demônio peludo”

Uma certa vez, no finalzinho do dia, um grupo de pessoas descia pelas veredas da Serra da Jiboia, onde foram buscar lenha e ouricuri. O grupo era formado por mais de dez pessoas e descia em fila indiana, desviando dos gravatás, das unhas-de-gato e dos galhos de Jurema (“jerema”, na linguagem popular). O cheiro forte do alecrim e do capim-gordura anunciava que havia uma transição entre a vegetação serrana e a caatinga. Como era de costume, cantava-se em coro músicas do hinário popular como: “alecrim, alecrim dourado, que nasceu no campo sem ser semeado” e “meu limão, meu limoeiro, meu pé de jacarandá”. Parecia que a música fazia esquecer o incômodo das lascas de lenha que atravessavam as rodilhas e castigavam as cabeças. O ouricuri também serviria tanto para a diversão das crianças nas “correntes de coquinho”, como para fazer paçoca e ajudar na alimentação.

De repente, do meio das árvores altas, surgiu um ser estranho, lembrando um enorme macaco, mas com pelos que cobriam todo o seu corpo e quase se arrastava pelo chão, tão preto que chegava a brilhar com a luz que ainda restava do sol poente.

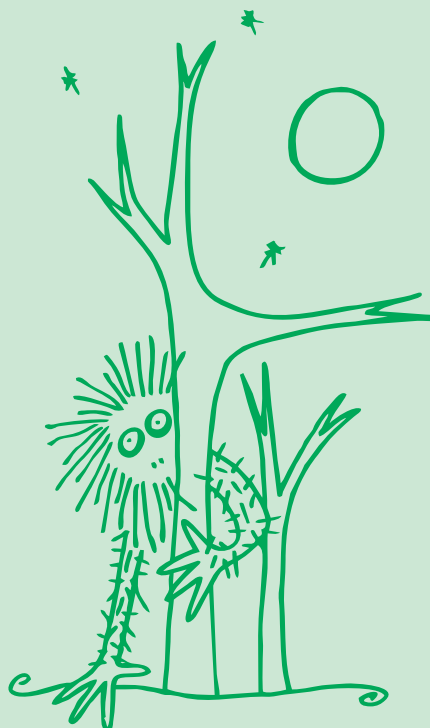
Assustada, a maioria das pessoas jogou seus feixes de lenha e sacos de ouricuri fora e correu pelas veredas, ferindo-se nas plantas cheias de espinhos.

Os homens apanharam foice, facão, pedaços de pau, tentando enfrentar a desconhecida e assustadora criatura, que sumia e aparecia em diferentes partes do caminho. Ao chegarem em campo aberto, a noite já havia caído. E juram que ouviram a criatura murmurar:

- “O dia é seu, a noite é minha!”

**José Amorim, Professor e Biomédico
Castro Alves | março 2015**

Quem não sabe que caminhar na mata à noite é mais perigoso? Além disso pode atrapalhar os hábitos dos animais noturnos, prejudicando o seu desenvolvimento. Talvez seja isso que o “demônio peludo” queira nos dizer !...



Outra forma de envolver a população e garantir uma ação planejada do poder público municipal é construir e implementar um **Plano Municipal de Mata Atlântica**. O PMMA é construído com ajuda da população e guia as ações de conservação de cada município por dez anos. Nele são definidos como conservar a floresta que existe e como e onde restaurar o que já foi derrubado.

Tendo em vista a perda de mata nativa na região, uma das maneiras de conservar a Serra da Jiboia e seu entorno é ampliar a cobertura florestal nativa, ou seja, fazer a restauração florestal, especialmente de áreas de preservação permanente (APPs) e Reservas Legais (RLs). Isto contribui com a **regularização ambiental das propriedades rurais**, conforme prevê o Código Florestal vigente.



Cadastro Ambiental Rural – CAR

O novo Código Florestal, aprovado pela Lei nº 12.651/2012, cria o Cadastro Ambiental Rural – CAR, que é um registro obrigatório para todos os imóveis rurais. Na Bahia, esse mesmo cadastro é denominado Cadastro Estadual Florestal de Imóveis Rurais – CEFIR, previsto na Lei Estadual nº 10.431/2006.

Para obter orientações sobre o cadastramento, os proprietários e os possuidores de terras rurais podem procurar o Instituto Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Bahia – INEMA, as Secretarias de Agricultura e Meio Ambiente de seus municípios, ou ainda os Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.

Após o cadastramento, o próximo passo é elaborar, e executar, o Programa de Regularização Ambiental - PRA da propriedade.

A **restauração florestal** é uma estratégia para resgatar a biodiversidade local e os serviços ambientais que a mata nos proporciona. Existem diferentes formas de se restaurar uma área e a escolha de uma delas depende da situação em que se encontra o local a ser recuperado.

Foto arquivo Gambá



Você sabia que no Centro de Pesquisa e Manejo da Vida Silvestre do Gambá - CPMVS, em Elísio Medrado, trabalha-se com restauração florestal?

São produzidas mudas de espécies nativas de Mata Atlântica e Caatinga, que podem ser usadas na recuperação de áreas.

Além dessas ações diretamente voltadas a conservar o meio ambiente, **os municípios precisam escolher como querem se desenvolver.**

Em cidades pequenas, com poucas atividades econômicas, muitas vezes médios e grandes empreendimentos que causam impactos ambientais poluidores, parecem ser a única opção para gerar emprego e renda. Mas será que não existem outras opções?

O **turismo ecológico e de base comunitária**, se realizado de forma planejada pode trazer inúmeros visitantes para conhecer as belezas da Serra e os atrativos históricos dos municípios do entorno. Esses turistas vão precisar de guias, restaurantes, pousadas e vão consumir os produtos e serviços do município.



Você sabia que a Serra da Jiboia está localizada em uma zona turística?

Ela está inserida na zona turística chamada Caminhos do Jiquiriçá, o que quer dizer que a região é de interesse turístico.

Na Serra já acontece a prática de esportes de aventura como ciclismo, voo livre, escalada, *trekking* e cavalgada. Temos o belo visual da Pioneira, mirante no alto da Serra, a 850 metros de altura.

Como potencial histórico e-cultural a ser explorado existe a história do poeta Castro Alves, na cidade que leva seu nome; o vinho da comunidade de Pedra Branca, em Santa Teresinha; o samba de roda do Quilombo Campo Grande e as belas fazendas históricas de São Miguel das Matas.

Todas essas atividades precisam ser organizadas de forma sustentável, porque se feitas de forma errada podem prejudicar ainda mais o meio ambiente.

Os circuitos da Zona Turística Caminhos do Jiquiriçá

Circuito Vale do Jiquiriçá:

Amargosa, Cravolândia, Elísio Medrado, Jiquiriçá, Laje, Milagres, Mutuípe, Santa Inês, São Miguel das Matas, Ubaíra e Itiruçu.

Circuito Recôncavo Sul:

Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Santa Teresinha, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, Varzedo e Itatim.



Hoje já existem inúmeras pessoas que vêm visitar a Serra da Jiboia, em especial cientistas, pesquisadores e praticantes de esportes como voo livre e ciclismo. É possível organizar a visita desse público para que sua passagem não deixe marcas negativas, como lixo (resíduos) e degradação.



Já os agricultores do entorno podem conseguir melhores preços para sua produção passando a **cultivar de forma orgânica**. Dessa forma, garantirão também mais saúde para si e sua família e a não contaminação do solo e da água.

Existem várias técnicas que podem melhorar a produção ao mesmo tempo que ajudam a preservar o solo, a água e o entorno. Para ampliar esse conhecimento é preciso garantir **assistência técnica** para as comunidades.

Enfim, existem atividades que podem gerar renda de forma integrada com o meio ambiente e a conservação da Serra. É preciso manter isso em mente, com sociedade e prefeituras fazendo opções que garantam um **modelo de desenvolvimento socioeconômico sustentável**. Assim, a Serra da Jiboia será conservada, a água não faltará e a população ganhará em qualidade de vida.

SERRA da JIBOIA

Seguindo a Trilha da Serra da Jiboia, foi possível conhecer um pouquinho dessa região, vislumbrar suas riquezas naturais, sentir seus encantos e ... imaginar... tudo aquilo que está lá ... e que não se vê!

A Serra da Jiboia é um pedacinho de chão, nesse grande mundão! Ela abriga inúmeros seres, entrelaçados em uma teia de vida, frágil e bela! Da qual nós, humanos, somos apenas um dos elos.

Esperamos que estas páginas tenham despertado em você o desejo de visitar a Serra e também a compreensão do porquê é tão importante, tão fundamental, tão vital a sua conservação.

Pronto! daqui para frente é com você ... continue sua própria trilha ... aprofundando esses conhecimentos e defendendo a Serra da Jiboia!

SEGUINDO EM FRENTE...

Cada vez que um dos assuntos aqui abordados chamar a sua atenção:

- Vá atrás de uma bibliografia que possa tirar suas dúvidas e oferecer-lhe informações complementares, novas e atualizadas (bibliotecas, universidades, escolas, internet)
- Converse com seus amigos e vizinhos
- Leve a discussão para as instituições locais e busque informações nos órgãos do seu município
- Consulte os servidores do poder público (prefeitos, secretários, técnicos, promotores, vereadores) e os representantes das organizações da sociedade civil (sindicatos, ONGs, associações, igrejas)

O importante é estar sempre aprofundando o conhecimento e colaborando com a busca de soluções para os problemas ambientais.

A quem recorrer para resolver algumas questões?

DESMATAMENTO POLUIÇÃO TRÁFICO DE ANIMAIS SILVESTRES	INEMA Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos MPE Ministério Público Estadual Base Ambiental MPE Santo Antônio de Jesus	0800 284 8823 71 3103 0100 75 3631 0081 75 3631 0084 75 3632 1262
AGROTÓXICO	CIAVE Centro Antiveneno da Bahia	0800 284 4343
INCÊNDIOS em áreas naturais	Corpo de Bombeiros	193
ESGOTO Vazamento de rede e lançamento em rios ou córregos ÁGUA Vazamento de água e problemas de qualidade para o consumo	Embasa Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A.	0800 0555 195

JERRA da JIBOIA

Responsável



Parceiro



Financiador



Governo dos
Estados Unidos da América



Ministério do
Meio Ambiente

